



Fecomércio PE

Sesc | Senac

Instituto Fecomércio

Boletim Conjuntural
Maio | 2018

Boletim Conjuntural

Maio | 2018

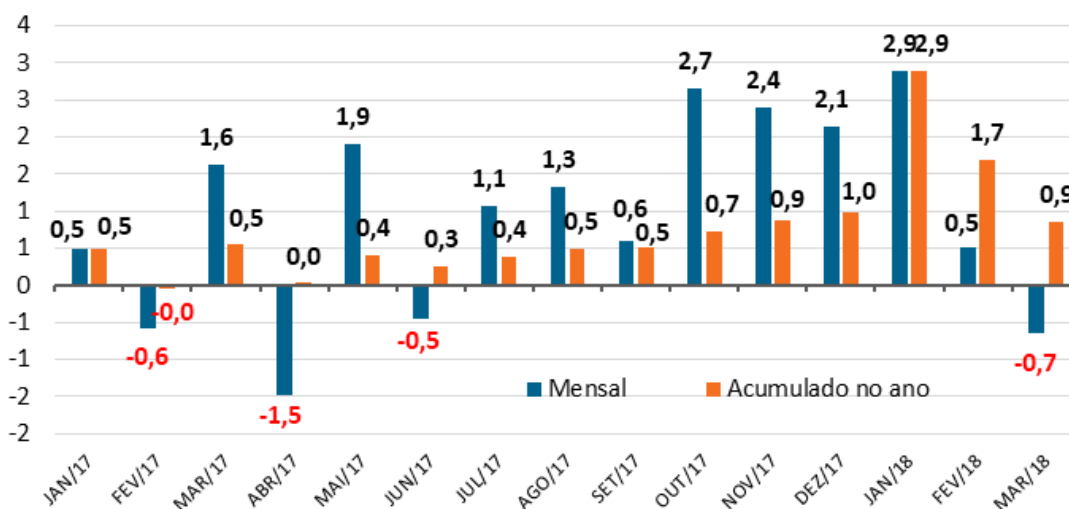
1. CONJUNTURA NACIONAL

A hesitante recuperação da economia brasileira ganha tons menos animadores. O valor apurado para o IBC-BR em março deste ano – espécie de prévia do PIB, periodicamente divulgado pelo Banco Central – revela uma variação de -0,7% em contraposição com o valor estimado para igual mês de 2017. Esse mesmo indicador havia apresentado crescimento de 2,9% em janeiro deste ano, e 0,5% em fevereiro – conforme ilustrado no **Gráfico 1**.

Portanto os resultados vão consolidando, em 2018 – mês a mês – expectativas menos otimistas em relação ao processo de recuperação econômica do Brasil, agora com retração

da atividade econômica no mês de março. Ademais, para o primeiro trimestre deste ano – contraposto ao mesmo período de 2017 – o IBC-BR aponta para um crescimento de 0,9%, quando expectativas, no início de 2018, apontavam para um crescimento (anual) do PIB em torno de 3%. Portanto reitere-se que os resultados colhidos em março deste ano sugerem desempenho bem aquém do esperado. Trata-se de um resultado que compõe trajetória decrescente do índice acumulado, nos três primeiros meses de 2018, do indicador que opera como prévia do PIB: 2,9%, 1,7% e 0,9% – respectivamente em janeiro, fevereiro e março.

Gráfico 1 - Brasil: variação mensal e variação acumulada no ano do índice de atividade econômica (IBC Br), em % - janeiro/2017 a março/2018 (base: mesmo período no ano anterior)



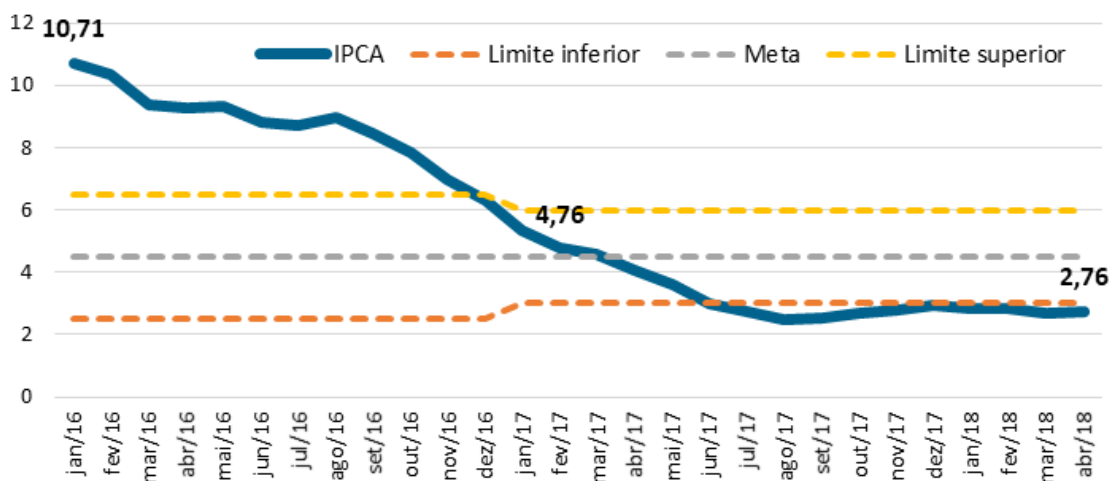
Fonte: IBC BR/ Banco Central. Elaboração CEPLAN

O resultado (mensal) relativo a março de 2018 é o primeiro negativo desde julho de 2017, ou seja, a primeira variação negativa no índice mensal depois de oito variações positivas consecutivas. São resultados que justificam a reavaliação para baixo das estimativas de crescimento anual do PIB neste ano – atualmente em 2,5%, conforme o último Boletim Focus do Banco Central.

Com respeito ao requisito de estabilidade de preços – condição necessária para um crescimento sustentável – registra-se que o IPCA (indicador oficial de inflação) mantém-se, desde o início do segundo semestre de

2017, abaixo do limite inferior da meta anual do Banco Central (3% no ano) – ver **Gráfico 2** –, observando-se também que em abril deste ano a inflação (acumulada em 12 meses) foi de 2,76%. Esse aspecto contribui para que a taxa de juros (Selic) permaneça em patamar baixo, mantida em 6,50% ao ano, na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM). Um patamar baixo para os padrões brasileiros, favorável a novos investimentos, também constituindo estímulo ao aumento da demanda agregada da economia. Todavia a trajetória de redução da Selic não vem sendo acompanhada de declínio expressivo dos juros cobrados ao consumidor e às empresas.

Gráfico 2 - Brasil: inflação (IPCA) em 12 meses, em % - janeiro/2016 a abril/2018

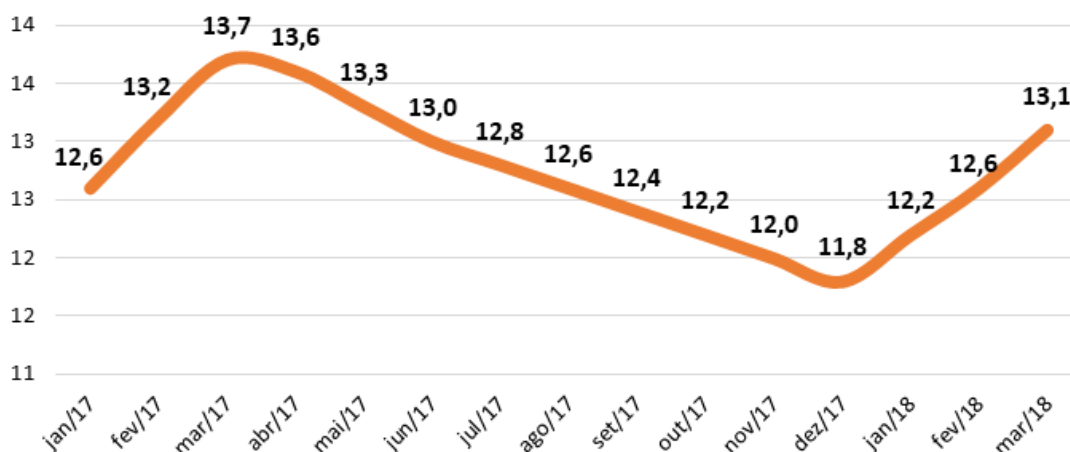


Fonte: Sistema Nacional de Preços ao Consumidor/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

O que ocorre no mercado de trabalho é outro aspecto que importa ser destacado. Ainda se observa no país uma taxa de desemprego elevada no primeiro trimestre de 2018 (13,1%) o que, em termos absolutos, significa 13,7 milhões de pessoas procurando algum tipo de ocupação. A taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais (IBGE/Pnad Contínua) no trimestre atinge um patamar abaixo dos 13,7% que prevalecia no primeiro trimestre de 2017, mas se situa bem acima dos 11,8% observados no último trimestre do ano passado – **Gráfico 3**.

Como se vê, depois de uma persistente redução do desemprego entre março e dezembro do ano passado, a taxa de desocupação apresenta reversão nos meses seguintes, configurando, em 2018, uma preocupante curva ascendente. Uma vez observado o indicador global de desocupação no mercado de trabalho (incluído o segmento informal), observe-se – a seguir – o que revelam dados sobre o segmento forma desse mercado.

Gráfico 3 - Brasil: taxa de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais de idade (média móvel trimestral), em % - janeiro/2017 a março/2018



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: Considera a média móvel trimestral do universo das pessoas de 14 anos ou mais desocupadas e na força de trabalho, sendo o mês de referência tomado como limite superior do trimestre.

Informações do Ministério do Trabalho (CAGED) revelam um número de admissões em postos formais de trabalho expressivamente superior ao de demissões, no resultado acumulado do ano 2018 – saldo positivo de mais de trezentos mil empregos, como indicado

na **Tabela 1**. Significa que a economia formal, mesmo ainda longe de voltar aos bons tempos de expressiva geração de novos postos de trabalho, contribui para ampliação de ocupações, o que leva a expansão da massa de salários.

Tabela 1 - Brasil: saldo da movimentação do emprego formal, por setor de atividade econômica - Janeiro-Abril/2018, Abril/2018 e Janeiro-Abril2017

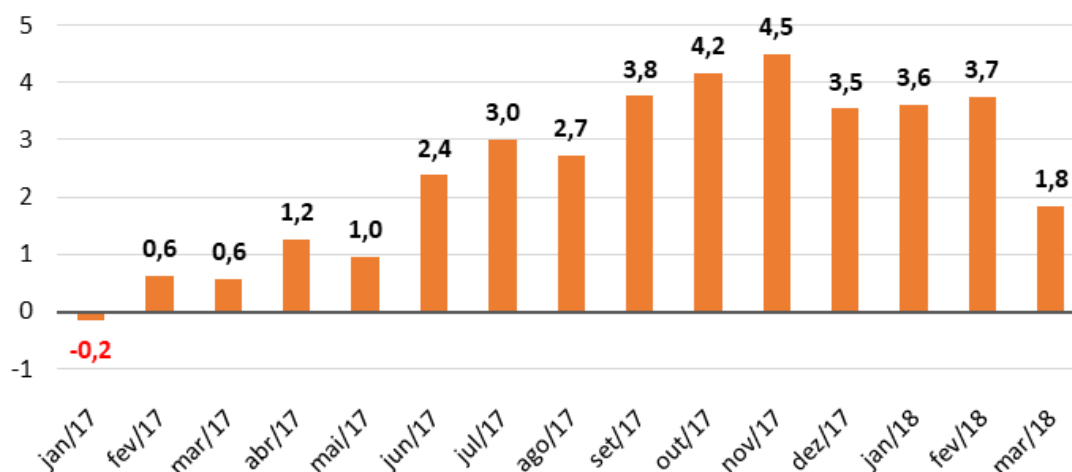
SUBSETOR	JAN/17-ABR/17	ABR/18	JAN/18-ABR/18
Agropecuária	32.548	1.591	-2.560
Indústria Extrativa	-670	720	1.050
Indústria de Transformação	34.598	24.108	101.369
Química	10.877	8.763	17.485
Elétricos e Comunicação	2.802	-451	4.229
Outras	20.919	15.796	79.655
SIUP	2.395	581	3.089
CONSTRUÇÃO	-18.958	14.394	37.324
Comércio	-106.320	9.287	-66.555
Serviços	75.609	64.237	248.916
Transportes e Comunicações	4.300	14.837	26.206
Adm, técnicos e profissionais	9.997	16.461	75.845
Alojamento e Alimentação	-10.084	11.495	29.751
Saúde	18.087	10.914	33.329
Outros serviços	53.309	10.530	83.785
Administração Pública	16.140	980	14.222
Total	35.342	115.898	336.855

Fonte: Caged/MTE. Elaboração Ceplan Multi.

Por outro lado, deve-se considerar que a elevada taxa de desocupação é em parte explicada pelo crescimento da população economicamente ativa, que passou de 103,1 milhões de pessoas em março de 2017 para 104,3 em março deste ano. Em contraposição, o número de **pessoas ocupadas** no primeiro trimestre de 2018 é mais alto do que o observado no trimestre correspondente de 2017: 90,6 milhões, contra 88,9 milhões. Nesse contexto, em que se combinam baixa inflação e ampliação

do pessoal ocupado, observa-se crescimento da massa real de salários. Dados do IBGE (**Gráfico 4**) revelam que, no trimestre móvel encerrado em março de 2018, o total da massa real de salários cresceu 1,8% – em comparação com o montante registrado no mesmo período do ano passado. Tal crescimento (mesmo inferior ao da média móvel trimestral em fevereiro) se traduz em elevação do poder de compra das famílias e, em consequência, tende a favorecer o aumento das vendas no âmbito do comércio varejista.

Gráfico 4 - Brasil: variação real da massa de rendimentos do trabalho (média móvel trimestral) das pessoas de 14 anos ou mais ocupadas, em % - janeiro/2017 março/2018 (base: mesmo período no ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: O indicador é a média móvel trimestral da massa de rendimentos recebida em todos os trabalhos pelas pessoas de 14 anos ou mais ocupadas e com rendimento de trabalho; é calculada considerando-se o mês de referência, em cada divulgação, como limite superior. Os valores da série são corrigidos mensalmente por uso do deflator (IPCA) do mês intermediário.

De uma maneira geral, os indicadores econômicos dos meses iniciais deste ano continuam sinalizando para um crescimento econômico do país em 2018, embora em ritmo inferior ao que se previa ao final do ano passado. De toda forma, está sendo esperado

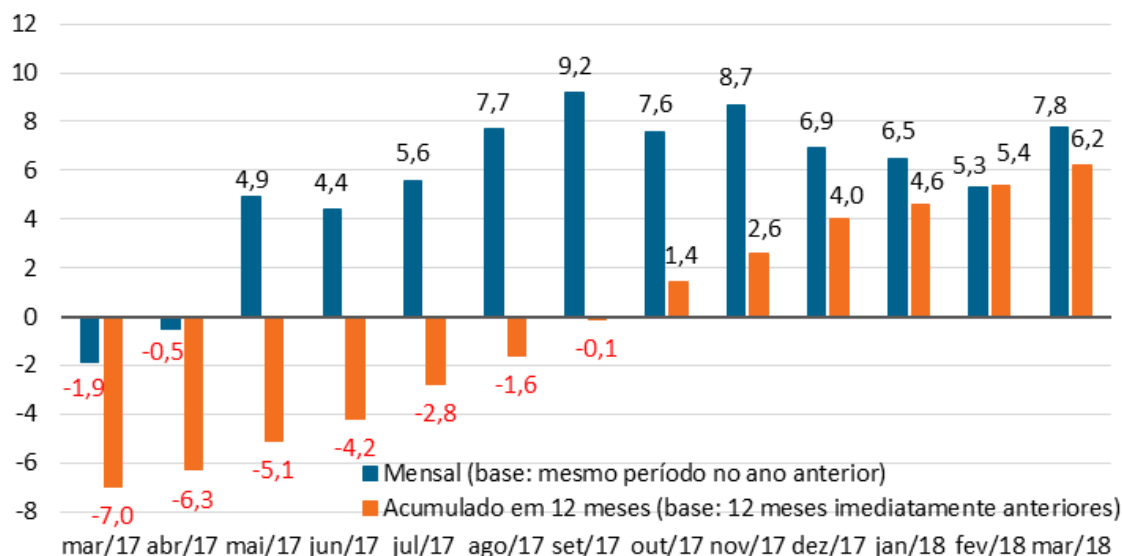
um crescimento anual superior a 2%, patamar que seria mais elevado que o resultado anual de 2017, quando o PIB brasileiro registrou um aumento de apenas 1,0% – o primeiro resultado anual positivo depois de um período recessivo de três anos.

Comércio varejista: desempenho mantém-se positivo em 2018

A evolução mensal e o indicador acumulado de 12 meses do volume de vendas do **varejo ampliado** – agregado que resulta do acréscimo de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ e ‘materiais de construção’ ao conjunto de segmentos que compõem o comércio varejista propriamente dito – são apresentados no **Gráfico 5**; no **Gráfico 6**, a trajetória mensal e o indicador acumulado de 12 meses, do **varejo restrito**. Tanto em um caso como no outro, observa-se que o

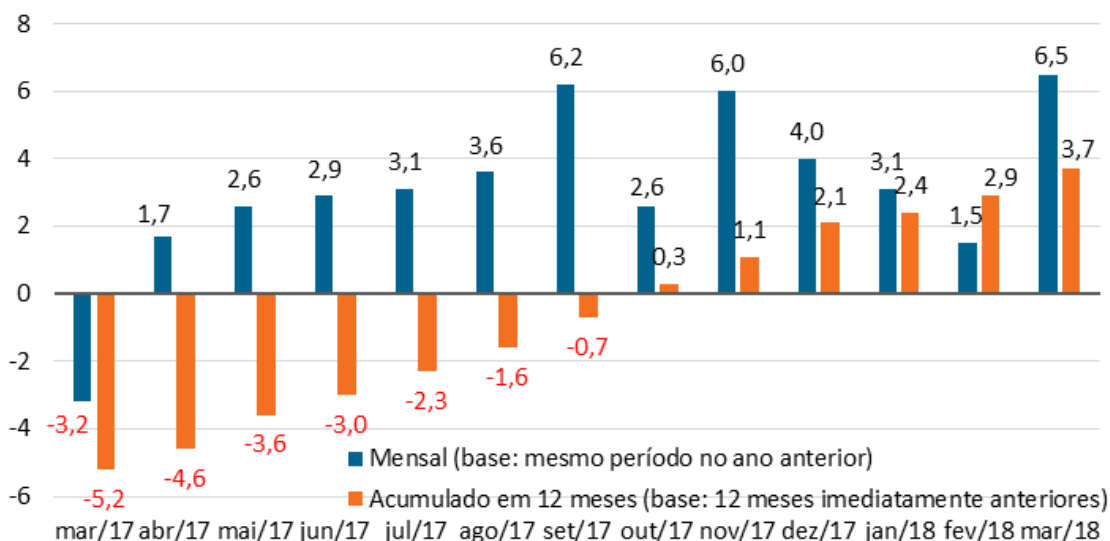
volume de vendas no País cresce em março de 2018 em comparação com o observado em março de 2017: 7,8% e 6,5% – respectivamente. Em relação ao índice acumulado de 12 meses, tendo por base os 12 meses imediatamente anteriores, os desempenhos são também positivos: 6,2% e 3,7%. Adicione-se que se comparando o resultado do primeiro trimestre de 2018 com o correspondente trimestre de 2017 as variações são respectivamente 6,6% e 3,8% – ampliado e restrito. Em síntese, o comércio varejista continua apresentando desempenho positivo nos meses iniciais deste ano.

Gráfico 5 - Brasil: variação mensal e acumulada em 12 meses do Comércio Varejista Ampliado, em % - março/2017 a março/2018 (base: mesmo período no ano anterior)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Gráfico 6 - Brasil: variação mensal e acumulada em 12 meses do Comércio Varejista, em % - março/2017 a março/2018 (base: mesmo período no ano anterior)



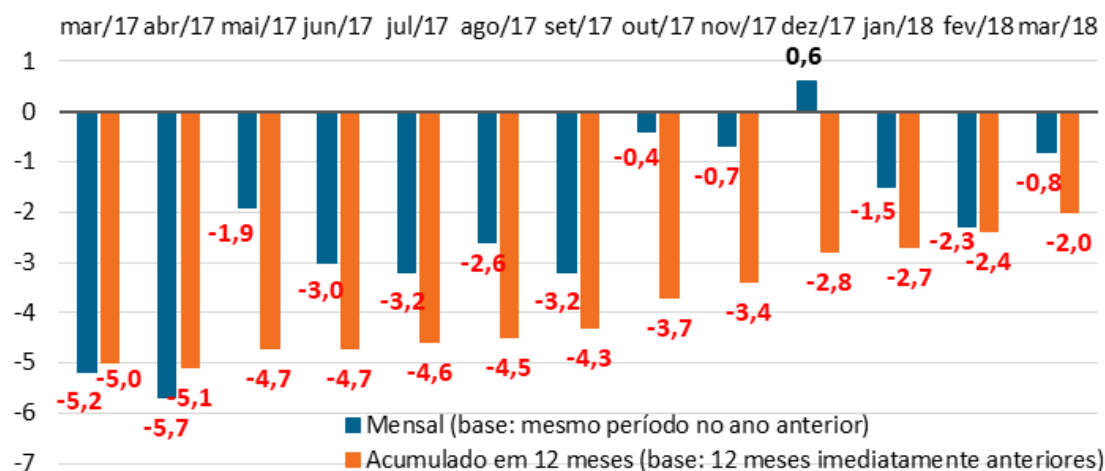
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Serviços: declínio permanece no início de 2018

Com respeito ao segmento de prestação de serviços, em contraste com o que ocorre no varejo, os dados indicam permanência de declínio do volume de serviços prestados. Os resultados mensais continuam negativos em 2018: -1,5% em janeiro, -2,3% em fevereiro,

e -0,8% em março (**Gráfico 7**). Os resultados fornecidos pelo indicador acumulado 12 meses são também negativos: -2,7%; -2,4%; e -2,0%. O desempenho do primeiro trimestre de 2018 também registra queda em comparação com o do primeiro trimestre do ano passado (-1,5%). Portanto são resultados que o declínio do volume de negócios do segmento de prestação de serviços na economia nacional.

Gráfico 7 - Brasil: variação mensal e acumulada em 12 meses do volume de Serviços, em % - março/2017 a março/2018 (base: mesmo período no ano anterior)



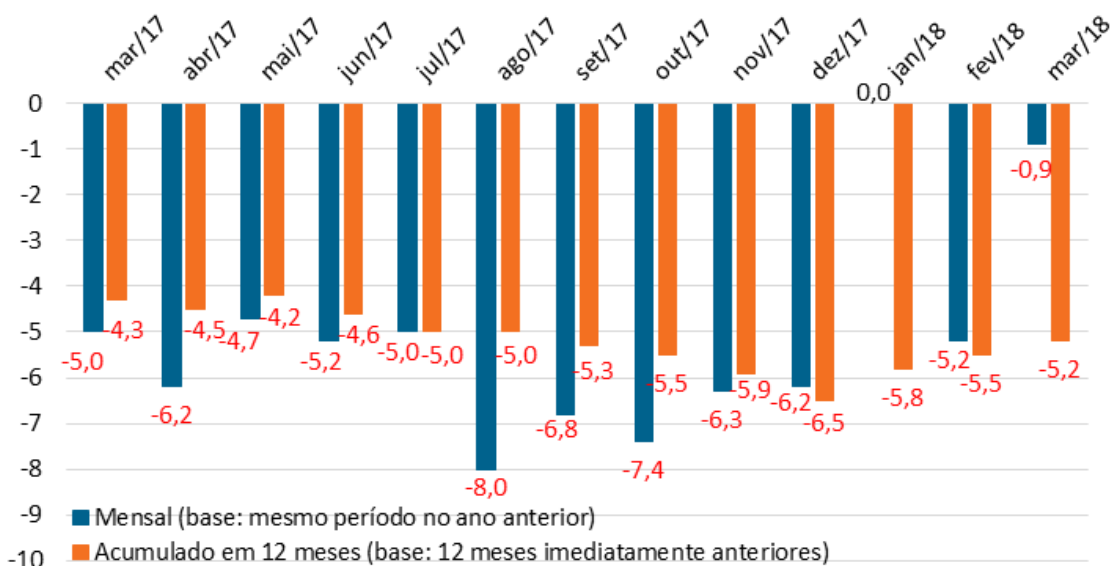
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi

Volume de atividades turísticas continua em queda em 2018

O conjunto de atividades que compõem os serviços de Turismo registrou, em 2017, variações negativas ainda mais intensas que a do segmento de serviços como um todo. Em 2018, o desempenho permanece negativo. No que concerne ao indicador mensal, depois de variação nula em janeiro 2018 (comparativamente ao janeiro do ano anterior), nos dois meses seguintes à variação do volume de atividades

turísticas volta a ser negativa: -5,2% em fevereiro e -0,9% em março. Com relação ao indicador acumulado de 12 meses, as variações são também negativas, embora discretamente decrescentes; os meses iniciais do corrente ano: -5,8% em janeiro, -5,5% em fevereiro, e -5,2% em março. No acumulado do primeiro trimestre, o declínio do volume de serviços de turismo é de -1,9%. Em suma, no âmbito das atividades de turismo, o desempenho continua negativo nos três primeiros meses de 2018.

Gráfico 8 - Brasil: variação mensal e acumulada em 12 meses do volume de Atividades Turísticas, em % - março/2017 a março/2018 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

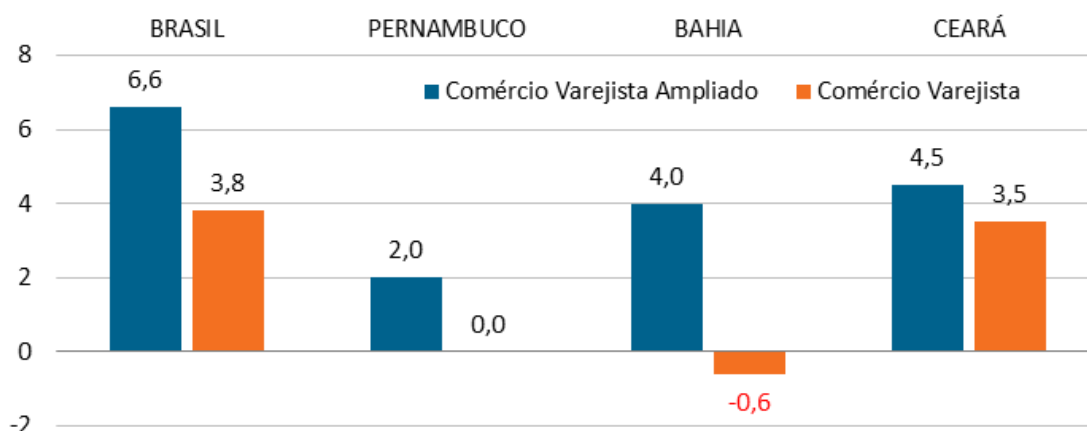
2. DESEMPENHO DO COMÉRCIO VAREJISTA E DOS SERVIÇOS EM MARÇO DE 2018: PERNAMBUCO NO CONTEXTO NACIONAL/REGIONAL

O desempenho do comércio varejista de Pernambuco, no contexto regional e nacional, é ilustrado no **Gráfico 9**. Trata-se de dados referentes ao comércio varejista (ampliado e restrito), considerado o valor do indicador acumulado no ano de 2018 (1o. trimestre), em comparação com o valor do mesmo indicador em idêntico período do ano anterior – para os estados de Pernambuco, Bahia e Ceará; ademais, o resultado agregado para o país, sempre tomados esses períodos de referência.

Chame-se a atenção para o fato de que a variação do volume de vendas do **varejo ampliado** segue positiva em Pernambuco (2,0%), mas inferior ao desempenho da Bahia (4,0%), do Ceará (4,5%) e especialmente do Brasil (6,6%).

Por outro lado, em relação ao **varejo restrito** o desempenho de Pernambuco no acumulado dos três primeiros meses do ano é igual ao do mesmo período do ano passado; sem variação no índice trimestral. Portanto, um resultado bem abaixo do observado para o país – crescimento de 3,8%. No que se refere ao varejo restrito os dois últimos resultados mensais deste ano, registram declínio, quando confrontados com iguais meses do ano passado: -1,3% em fevereiro e -0,4% em março, ou seja, o desempenho do varejo restrito pernambucano começa a registrar resultados insatisfatórios neste início de ano: estabilidade no desempenho acumulado e variações negativas nos resultados mensais mais recentes (fevereiro e março).

Gráfico 9 - Brasil, PE, BA e CE: variação acumulada no ano do volume de vendas do Comércio Varejista, em % - 1º trimestre/2018 (base: 1º trimestre/2017)

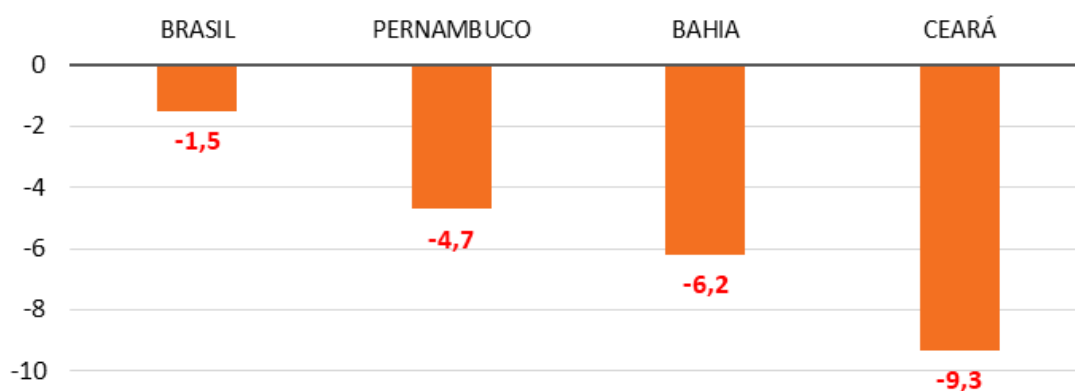


Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

As informações sistematizadas no **Gráfico 10**, contemplando o setor de serviços, revelam que o segmento se mantém em forte queda. O volume de serviços em Pernambuco cai no resultado acumulado (janeiro a março) de 2018 (-4,7%), um desempenho bem abaixo do registrado no País (-1,5%). Na Bahia e no Ceará,

os declínios são ainda maiores (-6,2% e -9,3%, respectivamente) do que o mencionado para Pernambuco. Portanto o segmento de serviços continua apresentando resultados negativos, com diferenças de intensidade em todos os espaços econômico-territoriais considerados na análise.

Gráfico 10 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação acumulada no ano do volume de Serviços, em % - 1º trimestre/2018 (base: 1º trimestre/2017)

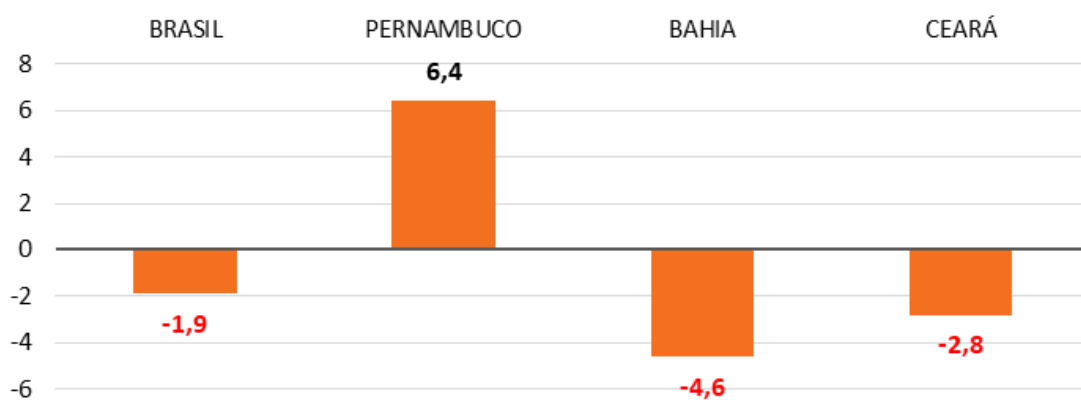


Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Analogamente ao que foi feito na seção anterior, novamente o segmento de turismo é particularizado. Contemplam-se, também, os três principais estados nordestinos no contexto do Brasil, conforme ilustrado no **Gráfico 11** – indicador acumulado do ano de 2018. Destaque-se que, neste caso, Pernambuco continua registrando desempenho positivo e bastante diferenciado, em contraposição ao país como um todo e aos estados do Ceará e da Bahia. Com

efeito, o volume de serviços de turismo em Pernambuco revela, no resultado acumulado do ano de 2018 (janeiro-março), significativo desempenho positivo (6,4%), em contraponto ao observado no mesmo período de 2017. Isso ocorre em um contexto em que o País em geral continua registrando queda (-1,9%). Seguem também negativos os resultados para o Ceará (-2,8%) e Bahia (-4,6%).

Gráfico 11 - Brasil, PE, BA e CE: variação acumulada no ano do volume de Atividades Turísticas, em % - 1º trimestre/2018 (base: 1º trimestre/2017)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Em síntese, o desempenho observado no início de 2018, no âmbito do turismo pernambucano, continua sendo bastante diferenciado em relação aos demais espaços considerados no Boletim. Como registrado em Boletins

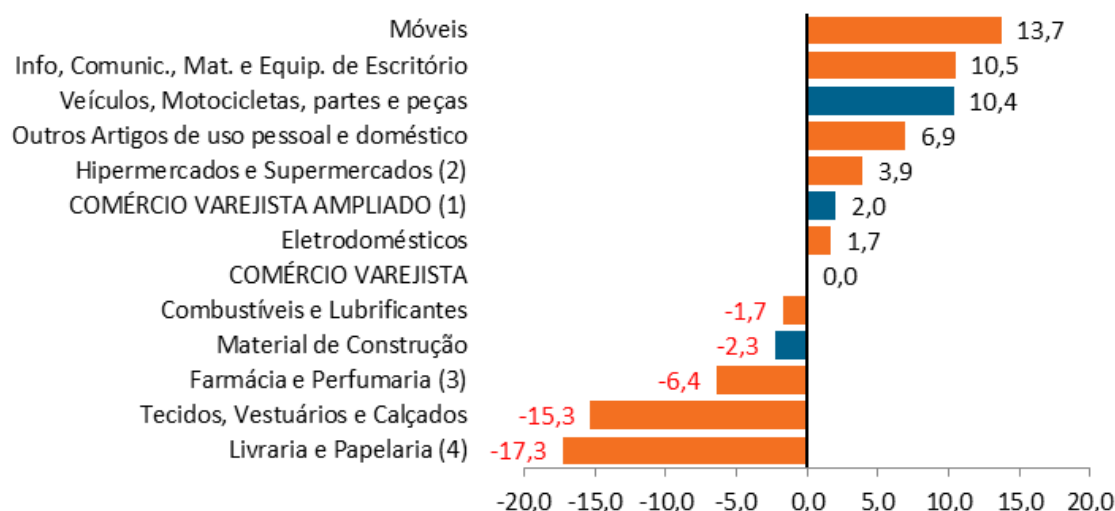
anteriores, concorre para a posição favorável protagonizada pelo turismo de Pernambuco, o poder de atração de destinos praieiros, sobretudo no litoral Sul.

3. SEGMENTOS DO COMÉRCIO E DE ATIVIDADES DOS SERVIÇOS EM PERNAMBUCO

O **Gráfico 12** traz informações sobre o volume de vendas, no acumulado de 2018 (janeiro-março), referentes a cada um dos onze

segmentos varejo, comparativamente ao mesmo período de 2017.

Gráfico 12 - Pernambuco: variação acumulada no ano do volume de vendas por Segmento do Comércio Varejista, em % - 1º trimestre/2018 (base: 1º trimestre/2017)

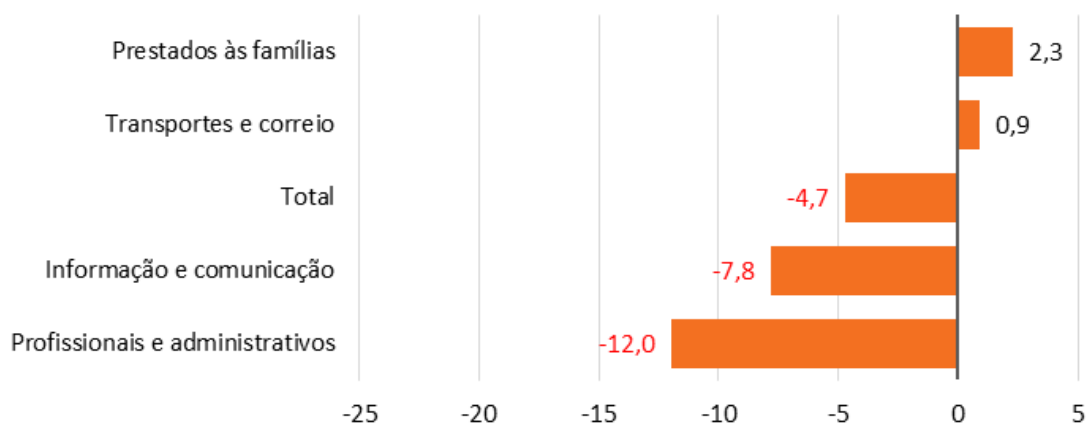


Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Em termos globais, os resultados agregados já assinalados são: 0,0% no varejo restrito e 2,0% no ampliado. Percebe-se que seis dos onze segmentos de atividades que compõem o comércio varejista registram variações positivas em 2018, enquanto os demais indicam variações negativas. Entre os positivos, os destaques são: móveis (13,7%); informática e comunicação, equipamentos e materiais para escritório (10,5%); e veículos, motocicletas, partes e peças (10,4%). Entre os negativos: livraria e papelaria (-17,3%); e tecidos, vestuários e calçados (-15,3%).

No que diz respeito ao segmento de prestação de serviços (**Gráfico 13**), a retração – observada no resultado acumulado de 2018 – das atividades que compõem esse segmento foi de -4,7% (como antecipado no **Gráfico 10**). Os grupos formados por ‘serviços prestados às famílias’ e ‘transportes e correio’ revelam desempenho positivo: respectivamente 2,3% e 0,9%. Para os outros dois agrupamentos, as variações no volume de vendas são negativas: ‘Informação e Comunicação’ (-7,8%); e, ‘Profissionais e administrativos’ (-12,0%). Um quadro que permanece revelando um desempenho global negativo, embora dois grupos – entre os quatro – registrem resultados positivos.

Gráfico 13 - Pernambuco: variação acumulada no ano do volume de Serviços por Atividade, em % - 1º trimestre/2018 (base: 1º trimestre/2017)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

4. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

Em edição anterior deste Boletim registrou-se que, embora discretamente, havia um ambiente de celebração pelo desempenho da economia brasileira em 2017 (PIB crescendo a 1,0% – depois de recessão de 12 trimestres). O entusiasmo com tal crescimento era fortalecido por aspectos positivos como inflação cadente e controlada, confortável e declinante taxa Selic, além de sinais de alguma melhoria do investimento.

Os primeiros meses do corrente ano não eliminam tal panorama: Selic estacionada em patamar histórico, recorde, de 6,5%; taxa de inflação estável e abaixo de 3,0% ao ano (2,76% nos 12 meses encerrados em abril de 2018). Mas a taxa de investimento (investimento como proporção do PIB), em 2017, ficou em 15,6% – declinando em relação a 2016 (16,1%) – conforme divulgação feita no início de março 2018 (IBGE). Trata-se da menor taxa, desde 1996. Por outro lado, o mercado de trabalho – conforme números já apresentados neste Boletim – ensaia uma reversão da curva que mostrava redução da taxa de desocupação da força de trabalho. Entre outros fatores, incertezas no front eleitoral assumiram compasso mais preocupante e isso leva a piora de expectativas e a postergação de decisões de investimento. A lenta recuperação da economia brasileira ganha assim tons menos alentadores.

Números globais referentes ao desempenho da economia brasileira neste início de ano, colhidos em março, mostraram – como visto neste Boletim – um resultado consideravelmente aquém do esperado, levando à revisão nas expectativas de crescimento do PIB de uma taxa acima de 3,0% para algo em torno de 2,5% (Boletim Focus, do Banco Central).

Por outro lado, embora a taxa de desocupação da força de trabalho ensaie – no primeiro trimestre de 2018 – reversão da tendência declinante que havia tido lugar em 2017, o

mercado formal de trabalho continua, mesmo lentamente, levando a criação líquida de postos formais de trabalho. Isso significa que a economia brasileira tem segmentos que operam na direção do crescimento, respondendo pelo presente ritmo de recuperação do nível de atividade.

No plano externo, a evolução da taxa de juros americana já provoca algum efeito no mercado internacional e contribui para desvalorização de moedas em relação ao dólar, a exemplo do Real. O mercado cambial está em novo momento. Câmbio – como outros preços da economia – é um parâmetro cujas alterações têm causas e efeitos múltiplos e não necessariamente na mesma direção. Desvalorização opera em sentido favorável ao setor exportador, mas significa aumento de preços de importações, afetando – via custos maiores – setores cuja matriz de custos inclui importação de insumos e equipamentos. E câmbio em processo agudo de desvalorização implica riscos maiores, o que – em extremos – pode adicionar pontos importantes à inflação e levar à fuga de capitais que, em geral correm para portos seguros como títulos do Tesouro americano, movimento clássico em momentos de crise mundial de maior vulto.

O Brasil tem reservas internacionais elevadas (mais de US\$ 380 bilhões) – importante instrumento para se defender de crises cambiais – mas carrega um déficit fiscal que está a requerer reformas urgentes, em ambiente político complexo. É uma fragilidade que importa em momentos de crise internacional. E não se pode dizer que nessa área o panorama atual seja de tranquilidade. Um agravamento do quadro internacional pode afetar negativamente países com maior fragilidade macroeconômica. Aumento do custo de captação de poupança externa, maior aversão a riscos – e, portanto, redução do fluxo de entrada de capitais externos em países mais frágeis –, além de possibilidade de depreciação de preços de commodities agrícolas

e minerais, com redução do vigor do comércio internacional, significam riscos potenciais a que estão expostos países como o Brasil.

Portanto permanece crucial o caráter desafiador de se recolocar a economia brasileira em bases sustentáveis de crescimento. O fato é que os já apontados vetores favoráveis à recuperação do nível de atividade (taxa básica de juros e inflação) são necessários, mas não suficientes para garantia de retomada sustentável da economia. Reformas estruturais (principalmente a previdenciária e a tributária) – que venham a tornar mais saudável o ambiente de negócios e aumentar a produtividade da economia – permanecem em compasso de espera da via eleitoral e de concertação política em torno de uma adequada saída da crise econômica e política que o País enfrenta.

A agenda básica para tal saída passa por reforço de competitividade, com foco em redução do chamado custo Brasil; eliminação de déficits de infraestrutura; mudança do sistema tributário,

inclusive eliminando-se seu caráter regressivo; redução de elevados custos de transação associados a procedimentos burocráticos e má governança. A longo prazo, enfrentamento efetivo do atraso educacional – essencial, não só em termos de justiça social cidadã, mas também um imperativo para reforço de produtividade (e competitividade). Esses e outros óbices à criação de ambiente favorável ao crescimento sustentado da economia são suficientemente diagnosticados e conhecidos.

Reitere-se o que foi afirmado em Boletim anterior: com os fundamentos representados por taxa básica de juros em inédito patamar inferior e por inflação baixa e controlada, nunca o momento econômico foi tão favorável ao início de uma real modernização da governança e da economia brasileira. Falta adequada concertação social e política – o que, no caso, não é pouco nem simples. Mas não é algo inalcançável.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Mensal do Comércio**. Março/2018.

Pesquisa Mensal dos Serviços. Março/2018.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Março/2018.

Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor. Abril/2018.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados**. Março/2018

EXPEDIENTE - FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio: Brena Castelo Branco
Economista: Rafael Ramos
Designer: Nilo Monteiro
Revisão de Texto: Glauce Dias

EXPEDIENTE - CEPLAN-PE

Jorge Jatobá
Tania Bacelar
Osmil Galindo
Roberto Alves
Ademilson Saraiva

Sede provisória Rua do Sossego, 264, Boa Vista,
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-080
Tel.: (81) 3231-5393 (PABX)

Anexo: Rua Bispo Cardoso Ayres, 147, Sala 105,
Santo Amaro (esquina com a Rua do Príncipe)
Recife, Pernambuco, Brasil, CEP 50.050-135
Tel.: (81) 3423-8423 | 3423-7440 (PABX)

